



O ENIGMA AMÉRICA LATINA: golpes, insurreições e revoluções

Entrevista especial com o Professor Doutor Waldir Rampinelli¹
Entrevistadora: Professora Doutora Zulene Muniz Barbosa²

Entrevistadora - Professor Waldir Rampinelli, considerando que povos e culturas indígenas, africanas e europeias estão na gênese da formação histórica das Américas, qual o porquê de intitular-se América Latina (do caribe para baixo) para qualificar este território?

Waldir Rampinelli -Simón Bolívar diferenciava as Américas em Meridional (do Novo México ao Estreito de Magalhães) e Setentrional (do Novo México para cima). Por sua vez, José Martí falava na América Europeia, aquela que havia nascido do arado (Estados Unidos) e a outra, que havia surgido do cão de caça (do rio Bravo para baixo). Os europeus, uma vez tendo conquistado territórios pela espada e pela cruz, foram dando nomes a todos os lugares. Hernán Cortés, por exemplo, não apenas destruiu as civilizações da região da Anáhuac, como também teve o cuidado de renomeá-la com símbolos do cristianismo. O mesmo fez Francisco Pizarro na região andina. Dar nome é mostrar e ter poder.

Lima Barreto, no livro *História e Sonhos*, afirma a necessidade de conservarmos os nomes tupis dos lugares de uma terra, pois eles têm “a vantagem de possuir quase todos um sentido claro, muito claro, nas suas palavras, exprimindo algum fato da natureza, a cor das águas correntes, a altura, a forma ou o aspecto dos rochedos, a vegetação ou a aridez da região”. No entanto, os portugueses invasores substituíram estas nomeações por, por exemplo, “Infante D. Henrique” e tantos outros, em vários locais.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865.v24n2p754-761>.

¹Bacharel em Letras, Filosofia e Direito. Mestre em Estudos Latino-Americanos pela Universidade Nacional Autônoma do México (1991) Doutor em Ciências Sociais-Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002) Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina.. Email: rampinelli@globocom.

² Assistente Social. Doutora em Ciências Sociais - Política, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora de Ciência Política do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão, Coordenadora do Grupo de Estudo em Desenvolvimento Política e Trabalho: GEDEPET e pesquisadora do Núcleo de Ideologia e Lutas sociais - NEILS – PUCSP. E-mail: zulene.mb@uol.com.br

Índigenas e negros foram apagados da América Latina pelas classes dominantes, cometendo-se contra eles não apenas um genocídio, mas também um etnocídio e um memoricídio. Contra a História narrada pelos vencedores – os senhores de escravos, os latifundiários, os banqueiros, os ditadores, os empresários, os políticos –, Walter Benjamin propõe uma concepção oposta: a tradição dos oprimidos, ou seja, o ponto de vista dos vencidos que são as vítimas permanentes do sistema de dominação. Tais pessoas têm resistido, têm lutado, têm se levantado contra os de cima, mas têm sido sistematicamente derrotadas. Defendo, portanto, a necessidade de um revisionismo histórico, mirando-o com os olhos das classes exploradas.

Entrevistadora - Nesse processo histórico qual a importância de Simon Bolívar no que se refere ao processo de independência e integração regional latino americana? No que consiste esse ideário?

Waldir Rampinelli-O sociólogo Octávio Inani aponta três grandes vertentes do pensamento bolivariano. Primeiro, ele interpretou as reivindicações dos brancos crioulos e outros setores da população das colônias, em face da dominação e exploração exercidas pelo sistema colonial; segundo, ele assimilou bastante os acontecimentos mundiais contemporâneos, tais como a Revolução Francesa, as guerras napoleônicas e a emergência do povo no cenário da revolução burguesa que se estendia pela Europa e influenciava outros continentes; terceiro, ele se aproveitou largamente de sua formação intelectual de base europeia.

Simón Bolívar (1780-1830) liderou o processo emancipatório das colônias hispânicas em torno da construção da *Pátria Grande*, ou seja, de uma só nação com um só vínculo, ligando suas partes entre si e com o todo. Por se ter uma mesma origem, uma só língua, os mesmos costumes e uma religião, por conseguinte dever-se-ia ter um só governo que confederasse os diferentes Estados que se formariam ao longo do continente. “Que belo que o Istmo do Panamá fosse para nós o que o de Corinto [foi] para os gregos”. E pensa em instalar ali um grande congresso com os representantes das repúblicas, reinos ou impérios para discutir e debater os interesses da paz e da guerra com as nações das mais variadas partes do mundo.

No entanto, Bolívar reconhece a impossibilidade de realizar seu projeto por motivos internos, como o divisionismo (privatismo, localismo e regionalismo em detrimento do federalismo) que perpassa a classe dirigente latino-americana; e externos, como a ação das grandes potências (Grã-Bretanha e Estados Unidos) que procuram criar e consolidar a fragmentação política da América Latina. Por isso afirma que a América é ingovernável e aquele que serve uma revolução ara no mar.

Os Estados Unidos, chega a afirmar, parecem destinados pela Providência a abarrotar a América de miséria em nome da liberdade. Daí sua proposta de realizar um pacto americano – do Novo México ao Estreito de Magalhães – sem a presença daquele país. Não vê possibilidade de integração entre as duas Américas, pois que a *setentrional* já se constituiu como nação, ao passo que a *meridional* ainda não. No entanto, não deixa de se espelhar na formação da nação estadunidense, já consolidada, bem como na constituição de seu Estado nacional.

Bolívar demonstra interesse pela relação do Brasil com o conjunto da América, já que vê a possibilidade de o Rio de Janeiro alinhar-se às monarquias europeias para reconquistar a América Meridional. “Infelizmente o Brasil tem fronteiras com todos os nossos Estados; portanto tem muitas facilidades para fazer-nos a guerra com êxito, como quer a Santa Aliança. De fato penso que será muito conveniente à aristocracia europeia que o Poder do Príncipe do Brasil estenda-se até destruir o germe da revolução”.

Entrevistadora - No século XX, o Bolivarianismo de Hugo Chávez a partir da Venezuela propõe um resgate dessa integração regional imaginada por Simon Bolívar? Qual a relação que você estabelece entre esses dois ideários?

Waldir Rampinelli-Sem dúvida, Hugo Chávez resgata o Bolivarianismo e o aplica nas suas relações interamericanas. Para tanto, como havia preconizado Bolívar, encontra uma dura oposição do imperialismo estadunidense. Mas o governo de Chávez é exitoso, pois a concepção de *Pátria Grande* se materializa com a criação de vários organismos multilaterais em nosso continente, como a Unasul, a Celac, a Telesul, a Alba, para citar os mais conhecidos.

Obviamente que a atuação deles deixou muito a desejar, mesmo quando governos nacionalistas ou progressistas formavam uma maioria na América Latina. Com mudanças havidas pela via eleitoral, com golpes de Estados praticados, com a morte de grandes líderes, toda esta estratégia integracional foi barrada. Hoje, estamos no caminho oposto, qual seja, vários países adotando relações bilaterais com os Estados Unidos e sujeitando-se aos interesses imperialistas na região. O caso brasileiro de Jair Bolsonaro é o mais patético e escandaloso. Bater continência para a bandeira dos Estados Unidos ou pôr à disposição do Pentágono, a maior máquina de guerra do mundo, partes do território nacional, como a base de Alcântara, no Maranhão, é entreguismo, é subserviência, é traição. Motivo para cassação de qualquer mandatário.

Entrevistadora - Diversos processos revolucionários marcam a resistência dos povos latino-americanos. Quais experiências, no século XX, você apontaria como lutas anticoloniais e anti-imperialistas?

Waldir Rampinelli-Sem dúvida, a Revolução Cubana. Ela, quando triunfa em 1º de janeiro de 1959, causa um verdadeiro terremoto em toda a América Latina, com profundas repercussões em Washington. C. Wright Mills, sociólogo estadunidense, chega a afirmar que “a Revolução Cubana é o que a Revolução Francesa foi para a Europa – com toda sua ambiguidade, mas também com todas suas promessas –.”¹ Tantas mudanças ocasiona esta revolução entre a América Latina e os Estados Unidos que se pode afirmar que ela foi um divisor de águas nestas relações internacionais, havendo um antes e um depois dela.

Quem comanda todo este processo é Fidel Castro, um líder que marcou a segunda metade do século XX, não apenas nas Américas, mas em todo o mundo. Proclamou o caráter socialista de sua revolução tão somente a 90 milhas do império mais poderoso do planeta e comandou com maestria uma grande e heroica resistência, derrotando militarmente os contrarrevolucionários dirigidos pelo Pentágono, em Praia Girón (1961); enfrentou os Estados Unidos, como também a União Soviética, durante a Crise dos Foguetes (1962) e, soberanamente, não permitiu que Washington inspecionasse o território cubano para certificar-se da retirada dos mísseis; varreu do país a contrarrevolução da Serra do Escambray (1965) e passou incólume por cerca de seiscentas tentativas de assassinato; acabou com o analfabetismo na Ilha, há mais de 50 anos, e fez com que os indicadores sociais atingissem níveis de países desenvolvidos; espalhou médicos pelo mundo, especialmente entre os países mais pobres, levando vida aos necessitados, enquanto o Estado imperial solta bombas e manda soldados armados e mercenários assassinos; acolheu os perseguidos pelas ditaduras latino-americanas, dando-lhes pão, teto e trabalho; desempenhou um papel proeminente contra o colonialismo na África e foi um dos grandes responsáveis pelo aceleramento do fim do *apartheid* de Pretória, como também da independência da Namíbia (1988); comandou a travessia do *período especial*, crise originada pelo fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, quando muitos davam por terminado o socialismo na Ilha “satélite” (1991); levantou grandes temas para discussão em toda a América Latina – como a dívida externa e a globalização neoliberal –, dando à batalha das ideias uma dimensão universal na politização das relações internacionais; apoiou, incentivou e orientou líderes latino-americanos que chegavam ao poder pelo voto popular, já no limiar do século XXI – Chávez, na Venezuela; Evo, na Bolívia; e Correa, no Equador –, cavalcando um nacionalismo revolucionário que recuperava

identidades soterradas e levantava bandeiras anti-imperialistas. Estes foram alguns dos acontecimentos nos quais esteve envolvido diretamente Fidel Castro Ruz.

Entrevistadora - Na América Latina contemporânea, após uma década de governos democráticos – populares, iniciados com a chegada de Hugo Chávez à presidência da Venezuela, em 1998, quais os aspectos positivos dessas experiências (bastante diversas) de governos “progressistas” ?

Waldir Rampinelli-O nacionalismo, que assumiu características revolucionárias em vários países, desencadeou um amplo processo de mudança por meio de um novo constitucionalismo. Temas como, por exemplo, a democracia, a economia, a diplomacia, a cultura e a história, cujos conceitos e conteúdos sempre foram impostos pelas ideologias eurocêntrica e pan-americana, passaram a ser duramente questionados em certas partes de nosso continente e, em alguns países, superados. As novas Constituições, discutidas e votadas pelo povo por meio de processos constituintes, já incorporaram em seus artigos a plurinacionalidade, a pluriculturalidade, a pluriétnica, o poder popular, a justiça comunitária, a defesa das riquezas nacionais a serviço de suas populações e, uma delas, a boliviana, adotou outros modos de produção – o ayllu – que não o capitalista clássico. É a refundação da República com uma descolonização da mente e uma redescoberta da própria história. Isso preocupa tanto o Departamento de Estado, em Washington, que o *Documento de Santa Fé II, uma estratégia para a América Latina para a década de 1990* já dizia que “o matrimônio do comunismo com o nacionalismo na América Latina representa o maior perigo para a região e os interesses dos Estados Unidos”.

Depois de trezentos anos de colonialismo seguidos de duzentos de neocolonialismo que serviram para transferir nosso excedente econômico às metrópoles e para aprofundar a ideologia de que “raças superiores” fazem história enquanto que as “inferiores” carecem dela, o nacionalismo revolucionário pode significar o começo do fim dessa dominação e a busca por uma igualdade racial, ou seja, o banimento da colônia que continuou vivendo na República, como dizia José Martí.

No entanto, tudo isso é válido e importante sempre quando abre caminhos para a transição socialista, que somente ela poderá assegurar e aprofundar um mundo igualitário. Fora do socialismo, não há salvação para a América Latina.

Entrevistadora - Como você analisa o fim do hegemonismo progressista na América Latina e o ciclo golpista iniciado a partir da derrubada do governo da Guatemala em 2009 e no Brasil em 2016 ? Como você enxerga essa ofensiva do imperialismo na derrubada desses governos?

Waldir Rampinelli-Os Estados Unidos não têm amigos, apenas interesses. Enquanto os governos latino-americanos são subservientes às suas estratégias, são sempre bem-vindos; quando dificultam ou se opõem, devem ser derrubados, sejam por meio de golpes violentos ou constitucionais. Para enfrentar esta realidade imperialista, somente poderá fazê-lo um país socialista. Por que o governo cubano nunca foi derrubado, apesar de todas as tentativas feitas?

Entrevistadora: Como você está analisando as tentativas do Imperialismo Norte americano de invadir a Venezuela para derrubar o governo de Nicolas Maduro? Do seu ponto de vista, nesse embate com quais forças (externa e interna) a Venezuela pode contar?

Waldir Rampinelli-Os Estados Unidos consideram o petróleo venezuelano como reservas estratégicas suas. Atualmente, o país possui as maiores reservas petrolíferas declaradas do mundo, representando cerca de 300 bilhões de barris. Se por acaso Caracas produzisse bananas, não haveria nenhum interesse no país. A Venezuela, desde o governo de Hugo Chávez, tem educado suas Forças Armadas dentro de uma concepção nacionalista, apesar do alto grau de corrupção que ainda assola parte da corporação. Porém, o general Simón Bolívar com suas guerras revolucionárias pela emancipação das colônias espanholas; com sua luta pela unidade da América Meridional, organizando o Congresso Anfictiônico do Panamá, em 1826; com sua obsessão pela criação da *Pátria Grande*; com sua concepção de que o soldado é um defensor da soberania popular, fez com que todas estas ideias pesassem positivamente sobre as Forças Armadas da Venezuela.

Além disso, algumas *missões* dispõem de treinamento e armas, transformando uma invasão estrangeira em uma guerra popular com muitos mortos de ambos os lados. A *Missão Barrio Adentro*, por exemplo, leva atendimento médico de primeiros socorros; a *Missão Robinson* trabalha com educação básica; a *Missão Milagro* trata de problemas oftalmológicos; a *Missão Mercal* cuida da agricultura sustentável e da distribuição de alimentos a partir de uma rede de supermercados com preços populares. Por fim, os acordos militares que o governo de Caracas fez com a Rússia e a China o fortalecem internacionalmente. Dai a grande incógnita de uma aventura militar para tomar a Venezuela. Uma guerra sempre se sabe como começa, mas nunca como termina.

Entrevistadora: Na sua opinião o que é possível vislumbrar a partir da emergência das novas lutas contra o neoliberalismo em diversos países do continente?

Waldir Rampinelli-Se quisermos vencer e ser consequentes, a luta não pode ser contra o neoliberalismo, mas sim contra o capitalismo. Cada circunstância histórica tem lá suas características

próprias, mas as duas grandes guerras que ensoparam o solo europeu de sangue não evitaram futuros conflitos, como o da Coreia e o do Vietnã; o nazi-fascismo, que foi uma revolta dentro da ordem para salvar o capitalismo acuado pela Revolução Russa, não desencorajou que outros Estados totalitários se levantassem, em outras partes do mundo; as bombas atômicas que fizeram o Japão tremer, tendo por objetivo mostrar a Moscou a nova guerra que viria, a Fria, não impossibilitou que o mundo avançasse na corrida armamentista. Portanto, infelizmente, não será esta pandemia que sacudirá o capitalismo nas suas estruturas. Só vejo um caminho para que o câmbio radical aconteça: A Revolução Nacional, que precisa se tornar Internacional. As revoluções são a locomotiva da história, já dizia o velho Marx.

O capitalismo não tem limites na sua sanha por taxas de exploração e aumento de vantagens, podendo chegar à destruição do planeta e, conseqüentemente, do ser humano. Os novos meios de produção, no pós-pandemia, vão acelerar o nível de acumulação. O *home-office*, já utilizado no século XVII, é uma modalidade que veio para ficar. O trabalhador transforma a sua casa em um escritório, utilizando-se de sua própria infraestrutura, como internet, luz, água, família. Também controlará seus horários e sua disciplina, aumentando o *stress* e as jornadas, abrindo suas intimidades e suas particularidades. Tudo isso terá como consequência o aumento da produtividade e a perda da tranquilidade. Superexploração digital. Ufa!, era o que tu dizias quando entrava em casa, deixando atrás todos as encrencas do trabalho. Agora, todas os problemas estarão dentro de ti, dos teus e da tua residência. Até na tua cama, fazendo-te perder a vontade de amar.

O capitalismo do pós-pandemia, diz Marcos Roitman, acelera o mundo cotidiano. A assinatura digital, as vídeo conferências, as *lives*, o controle biométrico, as aulas à distância serão algumas das mudanças que terminarão provocando uma modificação antropobiológica do ser humano. O dinheiro em espécie será, muito brevemente substituído, – já o está sendo –, por cartões de crédito, dando-se não só um maior controle social e um forte ascenso de poder aos bancos, como também uma maior exclusão na sociedade.

Enfim, desenha-se no horizonte pós-pandêmico a marcha dos escravos modernos; todos cobertos pela mesma miséria. A tempestade da superexploração começa a fuzilar relâmpagos. Para quebrar todos estes medos, é preciso levantar o facho da Revolução Brasileira. Não há outro caminho.

Entrevistadora: Professor Muito obrigada por ter aceito o nosso convite. Fique à vontade para fazer as suas considerações finais

Waldir Rampinelli-Precisamos hoje, mais do que nunca, ter uma posição de esquerda. Ser de esquerda é assumir uma atitude de resistência e rebeldia diante da alienação, da perda da condição de

sujeito do indivíduo e da comunidade humana e da submissão idolátrica do capital. Na base e na origem do ser de esquerda está a superação do modo capitalista da vida dita civilizada. Para o filósofo Bolívar Echeverría, esta atitude, juntamente com uma coerência prática contra a valorização capitalista da vida e do mundo, é o que distingue uma posição de esquerda. E então, trabalhar pela Revolução Brasileira e Latino-Americana, já que somente elas – os motores da História – poderão mudar radicalmente o mundo.

Notas

¹ MILLS, C. Wright. **Escucha yanqui**. Editora Grijalbo, Barcelona, 1980, p. 341.